



História Unisinos

ISSN: 2236-1782

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Pereira dos Santos, Fernando
O feneçimento de Edward I: tradução dos fólhos 73r-73v do códice BL Harley MS 2253[1]
História Unisinos, vol. 22, núm. 1, 2018, -, pp. 134-139
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.4013/htu.2018.221.11>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579862686012>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em redalyc.org

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Acervos e fontes

O fenecimento de Edward I: tradução dos fólhos 73r-73v do códice BL Harley MS 2253¹

The decease of Edward I: Translation of codex BL Harley MS 2253, folios 73r-73v

Fernando Pereira dos Santos²

fernando_trad@yahoo.com.br

Resumo: Entre os eventos relacionados à memória pelos homens de saberes na Idade Média, o decesso dos monarcas ocupou seu lugar em narrativas preocupadas com o registro da história, fossem elas de cunho laico ou clerical. No presente trabalho, é exibido um relato sobre a morte de Edward I (1239-1307), onde suas linhas podem ser perscrutadas não apenas pelos interessados nas questões envolvendo os conflitos contra escoceses e franceses que marcaram seu reinado, pois, sobremaneira, igualmente fornecem indícios sobre os parâmetros de constituição da figura régia e de suas pretendidas audiências no período trecentista. Assim, tenho aqui um duplo objetivo: a partir de estudos recentes sobre o escrito, pretendo situá-lo dentro de seu momento de produção, para, na sequência, oferecer uma tradução realizada a partir do cotejo entre suas duas edições em inglês moderno e aquela presente nos fólhos 73r-73v do códice *BL Harley MS 2253*.

Palavras-chave: Harley MS 2253, Edward I, Inglaterra medieval.

Abstract: Among the events related to memory by men of learning in the Middle Ages, the demise of monarchs took its place in narratives concerned with historical record, either those of lay or clerical nature. In this work, we shall display an account of the death of Edward I (1239-1307), as we believe that its lines can be scrutinized by those interested in matters associated to the wars against the French and the Scots during his reign; furthermore, they can equally provide hints about the parameters of constitution of the royal figure and its desired audience in fourteenth-century England. For this reason, we seek to accomplish a double aim: firstly, on the basis of up-to-date studies regarding this specific writing, it shall be situated within its production context and, subsequently, we shall provide a complete translation of it into Brazilian Portuguese from a collation between folios 73r-73v, available at codex BL Harley MS 2253, and its two modern English editions.

Keywords: Harley MS 2253, Edward I, medieval England.

¹ Apoio: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

² Universidade Estadual Paulista. Av. Eufrásia Monteiro Petrágli, 900, 14409160, Franca, SP, Brasil.

³ Oito de setembro.

⁴ Optamos por não traduzir nomes próprios e nem topônimos, a fim de manter as formas empregadas no inglês moderno. Todas as traduções de citações são de minha autoria.

Introdução

Por volta da Natividade da Virgem Maria³ de 1306 (Baker, 2012, p. 3), o monarca inglês Edward I⁴ (r. 1272-1307) marchou com seu exército (*ost*) em direção à Escócia na tentativa de esmagar a oposição levantada pelo pretendente

àquela coroa, Robert Bruce (r. 1306-1329). Embora um guerreiro experiente, seu corpo e mente foram vítimas da inexorável passagem do tempo e não apresentavam o vigor de épocas anteriores, como na ocasião em que cercou Berwick em 1304 com sua catapulta (*trebuchet*) “Lobo de Guerra” (*Loup de Guerre*) (Prestwich, 1988, p. 502); ou quando lidou pessoalmente com Llywelyn ap Gruffydd (r. 1258-1272), líder galês que opôs resistência à anexação daquela região à Inglaterra; e mesmo nas escaramuças contra os franceses nas décadas finais do século XIII. Enfermo (Moorman, 1952, p. 161-174), o velho Edward esforçava-se ainda em conservar o espírito combativo do jovem cavaleiro que tomou a cruz e rumou em direção à Terra Santa em 1268 (Prestwich, 1988, p. 66-86), e via na figura do opositor escocês mais um adversário a ser sobrepujado. Não foi capaz, entretanto, de derrotá-lo antes de seguir, segundo as palavras do cronista Geoffrey le Baker (?-1358?), pelo “caminho que trilham todos aqueles que somos de carne” (Baker, 2012, p. 153), e, após uma temporada no priorado de Lanercost, faleceu na localidade de Burgh-upon-the Sand em 7 de julho de 1307. Se, por um lado, suas ações guerreiras e governativas foram amplamente narradas de modo mais ou menos coeso por contemporâneos, por outro o relato de seu decesso apresenta contornos que são extremamente variáveis. Um dos mais conhecidos e reproduzidos é aquele onde, em seu leito de morte, teria dito a seu filho e futuro herdeiro, na presença de outros membros da nobiliarquia do reino:

Coze meu corpo em um largo caldeirão até que a [minha] carne seja separada dos ossos; enterra-a, porém preserva-os; e a cada vez que os escoceses se rebelarem contra ti, pede o auxílio de teus súditos, e carrega meus ossos convosco, pois enquanto forem conduzidos contra eles, nunca se sagrarão vitoriosos⁵ (Froissart, 1839, p. 39).

Jean Froissart, o afamado cronista responsável pelo excerto acima, escreve décadas após o referido evento e

parece delinear uma imagem do rei marcial que viria a ser partilhada e constantemente retomada pela escrita histórica inglesa no século XIV, um indício, portanto, ao qual devemos nos ater quando destacamos como os “homens de letras” de seu período concebiam os parâmetros esperados pela escrita de cunho histórico, assim como pelo público leitor almejado.⁶

Entre tais relatos coetâneos, encontra-se um outro olhar sobre a morte de Edward I: aquele presente no códice *BL Harley Ms. 2253*, mais especificamente delimitado entre os fólhos 73r-73v⁷ sob guarda do *British Museum*, ali denominado *Alle that beoth of huerte trewe*, cuja edição do século XIX é intitulada de “Elegia sobre a morte de Edward I” (*Elegy on the death of Edward I*) (Wright, 1838, p. 246-250), ou, simplesmente, “A morte de Edward I” (*The death of Edward I*) em sua versão mais moderna (Fein, 2014). Em sua brevidade, o texto 73r-73v, cuja métrica poética é estabelecida pelo formato A/B/A/B/B/C/B/C (De Wilde, 2007, p. 230), descreve o lamento do reino pelo falecimento de sua “cabeça”, uma das analogias contemporâneas empregadas nas reflexões sobre o poder e a política, e o apontamento dos temas ali presentes é um dos rastros deixados no terreno da reflexão sobre o delineamento da figura régia que seu responsável jornadaou: o desejo do combate aos infieis⁸, a busca da honra cavaleiresca e a continuidade da dinastia plantageneta⁹ (Santos, 2015). Meu intuito, portanto, é de introduzir o texto específico concernente aos fólhos 73r-73v, realizando breves reflexões a partir de estudos sobre os mesmos, para, posteriormente, apresentar sua tradução.

Inicialmente, acredito que o 73r-73v não teria sido escrito subsequentemente ao ocorrido que narra, pois, se a princípio a narrativa assume tons de um elogio “panegírico” ao rei falecido, é possível depreender de seu conteúdo um certo grau de descontentamento com aquele que veio a reinar posteriormente. Em um primeiro momento, seria possível situá-lo no reinado de Edward II (r. 1307-1327) se considerássemos que, naqueles anos, a Inglaterra

⁵ A prática de retirada dos ossos através do cozimento encontra paralelos já em momentos anteriores. São Luís (r. 1226-1270) teve seu corpo submetido ao mesmo procedimento à época de sua morte. Segundo Le Goff (2010, p. 266-268), “como não se domina a técnica do embalsamento, ferve-se o corpo num vinho misturado com água de tal forma que as carnes se separem dos ossos, que são a parte preciosa do corpo a conservar”.

⁶ Tal imagem delineada por Jean Froissart encontrou ecos na historiografia em períodos posteriores. Escrevendo sua *History of Scotland* no século XIX, Walter Scott diz que, mesmo em seu leito de morte, Edward I “tinha seus pensamentos inteiramente voltados à questão dos conflitos contra os escoceses”, reproduzindo o dito de Froissart, porém adicionando que “seu corpo deveria ser transportado à frente do exército que invadiria a Escócia, e nunca deveria ser devolvido ao túmulo até que aquela nação obstinada estivesse inteiramente subjugada” (Scott, 1845, p. 99). A descrição mais recente de Graham Cushman não destoa muito nesse sentido (Cushman, 2011, p. 6). Outras descrições mais formais de seu decesso, contudo, podem ser encontradas em crônicas compostas contemporaneamente. Na *Chronicle of Pierre de Langtoft*, um breve elogio, como o presente em *BL Harley MS 2253*, pontua os embates contra os franceses e compara-o ao rei Arthur como modelo de virtude cavaleiresca (Wright, 1868, p. 379-383). Na *Chronicle of Lanercost*, o mesmo ponto de vista é destacado, sendo Edward descrito como “destemido e belicoso, incomparável entre os príncipes da Cristandade por sua sagacidade e coragem” (The Chronicle of Lanercost, 1913, p. 182). Na crônica *The Bruce*, escrito posteriormente por escoceses com finalidades laudatórias a Robert Bruce, toma Edward I como o grande antagonista de sua empreitada rumo ao trono daquele reino, e, longe de um modelo de virtudes, ironiza o fato de que Edward “esperava ser enterrado no burgo de Jerusalém, contudo morreu nas areias mais comuns da localidade de *Burgh-in-the-sand*” (Barbour, 1907, p. 61-62).

⁷ Doravante, designaremos dessa forma o texto em questão.

⁸ Esse tipo de referência é feito na crônica contemporânea não somente em relação aos muçulmanos, mas também aos escoceses, como parte da tentativa de seus escritores em deslegitimar o outro, e portanto justificar o conflito contra os mesmos (Baraz, 2003, p. 123-124).

⁹ Em outro momento, discorri sobre como a escrita crônica do reinado de seu neto, Edward III, partilha de alguns desses preceitos, e o poema, assim como outras formas de escrita no século XIV, constrói suas relações onde as ações bélicas são o cerne entre memória e história, e o que é válido de ser lembrado notadamente passa pela disposição marcial. Vale lembrar, dentro de um contexto mais amplo, que isso não impediu a nobreza de aderir ao pagamento de profissionais da guerra advindos de grupos menos abastados, fenômeno observado com maior força após a década de 1340.

sofreu com a instabilidade governativa em função dos conflitos contra escoceses. Com a fragorosa derrota em Bannockburn em 1314, a Coroa fica sobrecarregada com “dividendos” não apenas no aspecto econômico, devido às perdas materiais dos que ali combateram e do ressarcimento que teve de arcar para com os inimigos vitoriosos, mas também na depreciação honorífica do monarca e de sua nobreza cavaleiresca, que se demonstraram incapazes de desempenharem com êxito sua função de manutenção da ordem pública e de proteção da comunidade do reino frente aos constantes saques na região norte, especialmente em Durham e Northumberland¹⁰ (Aberth, 2013, p. 7-78). Não obstante, uma outra possibilidade, e essa sim avento, é a de que o poema tenha sido composto muito além de 1307 ou mesmo do reinado de Edward II. Ao que parece, a extensão de fólhos que vai do 49 ao 140 do *BL Harley MS 2253* foi copiada por volta de 1340 (Fein, 2000, p. 8), com a data aproximada entre 1340-1342 (De Wilde, 2007, p. 232). Presumindo que tal datação esteja correta, o panegírico honrando a memória de Edward I apresenta-se em um momento em que o jovem Edward III ainda carece firmar-se como soberano da Inglaterra, em um contexto de guerra declarada contra os franceses e seus aliados escoceses. Se tal hipótese estiver correta, o texto pode ser compreendido como uma entre as diversas peças escritas visando justificar a tomada de armas no início da Guerra dos Cem Anos não apenas no campo legislativo, mas também da moral nobiliárquica, elemento esse notado em documentos como crônicas laicas e outros escritos produzidos em âmbito governativo. Embora filho de um indivíduo cujas falhas morais¹¹ eram disseminadas entre a produção textual contemporânea, o responsável pelo 73r-73v teria rememorado Edward III e seus súditos da ascendência guerreira de Edward I, um rei cruzado, conquistador da Escócia (com a emblemática tomada da “Pedra do Destino” [*Stone of Scone*] do monastério homônimo em 1296), de Gales e defensor das pretensões inglesas na França.

Uma vez que princípios moralistas, memorialistas e a justificativa do conflito caminhavam juntas nos escritos

ingleses daquele momento¹², ao fim e ao cabo, é necessário compreender que seu copista está inserido em lugares de saberes que entrecruzam tais premissas, oferecendo assim permissibilidades para que os ajuntasse. Desse modo, qualquer tentativa futura de análise a ser feita deve levar em conta não apenas os fólhos em questão, mas sim o códice como um todo, uma vez que estudos filológicos apontam que apenas parte dele (onde está inserido o 73r-73v) foi composta no dialeto empregado nas cercanias de Ludlow, em Hereford (Revard, 1982, p. 138), região próxima aos charcos galeses que viriam a prover um número substancial de guerreiros que integraram as hostes inglesas nos anos subsequentes. Esse dado se torna relevante quando se considera que a constante reafirmação dessas ideias poderia ter objetivos práticos para uma nobiliarquia desejosa de associar seu nome a um líder afamado e de estimada herança genealógica (Keen, 1984, p. 143-161).

Desse modo, é válido pensar que a guerra, como elemento fundamentalmente atrelado aos alicerces da governança, teve seu registro fortemente associado à memória¹³, que ora contrastava e ora reafirmava as ações de elementos do passado, notadamente aqueles ligados a feitos marciais sob princípios de organização não restritos, mas possivelmente influenciados, pelos interesses do responsável por sua escrita. Mais especificamente, o que se dizia sobre o conflito não vinha dissociado de parâmetros da escrita que eram permeados tanto por influências de pensadores que buscavam modelos moralizantes de figuras destacadas no fazer marcial no passado como pela compreensão de suas ações, onde deveria ser buscada a explicação para os insucessos presentes. Nesse sentido, certas passagens do texto dos fólhos 73r-73v chamam a atenção para essa relação entre guerra, memória e escrita da história: a culpabilização dos franceses por impedir Edward de retomar o ideal cruzado, a recapitulação da figura do monarca como um exemplo de cavaleirismo e mesmo a imitação de seu valoroso inimigo que teve o coração transportado para a guerra mesmo depois de morto.¹⁴

Tais afirmações são possíveis pontos de partida para o questionamento sobre o recorte e a organização

¹⁰ A lei de Londres não valia para o norte do reino, e não apenas os escoceses saqueavam e pilhavam, mas também forças de homens locais passaram a agir sem temor de represálias, agravando a fome trazida pelas más colheitas das décadas de 1310-1320 (Prestwich, 2005, p. 165-187).

¹¹ Edward II foi retratado pelas crônicas do período como incapaz de governar devido à sua desastrosa atuação no campo de batalha. Igualmente, foi acusado de manter relações amorosas com Piers de Gaveston, um de seus comandados, além de deleitar-se com práticas manuais, como o remo (Childs, 2005).

¹² Duas outras análises do texto, essas mais focadas em aspectos de sua lógica interna, bem como do momento de produção, apontam para outros elementos que devem ser igualmente considerados. O primeiro deles nos leva a crer que, para além das questões levantadas, e de uma rigidez esperada das convenções da escrita de cronistas e tratadistas, ele deve ser compreendido pela lógica interna do conjunto de manuscritos presentes no Harley 2253, isto é, há textos em latim, anglo-normando e inglês, cujas temáticas se estendem para aquelas de cunho devocional, político e, em certos casos, obscenos (Birkholtz, 2009, p. 175-230).

¹³ Tais usos da memória variavam muito em função dos “gêneros” de escrita e do público leitor pretendido. Para nos restringirmos a um exemplo, as crônicas aristocráticas escritas na Inglaterra trecentista buscavam, ao mesmo tempo, reafirmar elementos morais para a nobreza presente a partir do que entendiam ter sido o comportamento ideal de seus predecessores. Ao descrever a guerra, as narrativas ofereciam relações causais para os eventos, onde contendas ocorridas em gerações anteriores eram citadas dentre elementos responsáveis por aquelas do presente, recorrendo para tanto à genealogia, a direitos agravados, e assim por diante. Dessa forma, providenciavam a oportunidade para o cronista apontar, descrever e mesmo julgar elementos de códigos de conduta dos guerreiros no presente a partir do que ele entendia como modelos ideais de ação segundo parâmetros contemporâneos (Brandt, 1966, p. 106-146).

¹⁴ Várias referências são conhecidas sobre o desejo de Robert Bruce para que seu coração fosse carregado dentro de um recipiente e levado para combater os infieis. Uma das mais reproduzidas pela historiografia é aquela presente em *The True Chronicles of Jean le Bel* (Bel, 2011, p. 52-54), complementando assim a descrição inicial de Froissart para que seus ossos também fossem levados à guerra, configurando uma imagem de monarca guerreiro.

textual na década de 1340, que podem muito bem diferir daquelas do momento de composição dos versos (que podem muito bem ter sido recitados em forma oral após 1307), fornecendo assim uma inteligibilidade que dista da supostamente pretendida inicialmente. Assim, os fólhos 73r-73v devem ser pensados tanto sob essa lógica interna do códice, bem como sob o campo de produção escrita da Inglaterra do século XIV. Uma vez que aqui objetivamos a tradução do texto, destacamos que os estudos de Revard (1982) e, mais recentemente, Fein (2000), De Wilde (2007) e Birkholz (2009), ao seu modo, já levantaram inquirições nesse sentido. Antes de chegarmos a ela, cabe, contudo, uma última asserção acerca das relações intrínsecas e implicadas no binômio guerra/governança na Cristandade, o que pode nos auxiliar a reforçar a datação proposta para um momento posterior ao falecimento de Edward I, muito provavelmente o início da década de 1340, como defendem os autores supracitados.

Um dos excertos mais chamativos nesse sentido foi o seguinte: “Nossos estandartes, que foram atirados ao chão/ Por muito tempo iremos bradar e lamentar/ Antes de novamente encontrarmos um rei à sua altura”. Se em 1307 o contexto marcial se apresentava favorável aos ingleses¹⁵ (Barrow, 1965, p. 205-233), qual o sentido de referir-se aos estandartes em posição demeritória?¹⁶ Fosse em qualquer um dos reinados de seus dois próximos sucessores, em ambos houve expressões favoráveis ao reinício das animosidades contra escoceses e franceses por parte da nobiliarquia cavaleiresca. Em 1314, Edward II enfrentou a oposição aberta de parte desse grupo, assim como nos anos finais de seu governo viu a retomada de poder de Robert Bruce, que culminaria no vexatório reconhecimento da soberania da Coroa escocesa pelos ingleses (Barrow, 1965, p. 364-369), contrária, portanto, aos gloriosos dias de conquistas de Edward I¹⁷ (Sumption, 1999, p. 123-126). No início da década de 1340, a situação não parecia diferente, com sérias questões administrativas que pressionavam o monarca na condução do conflito: “o governo real parecia falido, tanto economicamente como no campo das ideias sobre que meios empregar para manejar a situação” (Prestwich, 2005, p. 274). Logo, a comunidade do reino vinha enfrentando as agruras da guerra e as incertezas sobre o exercício real desde o rei-

nado de Edward II, em função das constantes demandas requeridas pelas atividades marciais, elemento que chegou a seu ápice no decorrer das animosidades de 1337.

Seja como for, esse texto laudatório, assim como outros registros narrativos do período, notadamente crônicas, tomam grande importância como representações do possível na forma de conceber a realidade de seus escritores e compiladores. A simples preocupação com o relato do decesso é um indicativo de outras questões. Por exemplo, na supracitada crônica de Geoffrey le Baker, composta na década de 1350, a morte de Edward I, embora definida como “prematura”, similarmente ao texto dos fólhos 73r-73v, é um evento de quase nenhuma relevância naquela narrativa, onde o cronista registra que, após seu enterro em Westminster, “seu filho e sucessor cruzou o canal com a intenção de melhorar suas relações com Filipe, o Belo” (Baker, 2012, p. 3). Thomas Gray (1310?-1369), cavaleiro e condestável do castelo de Norham, inscreveu a morte de Edward I de modo similar em sua *Scalacronica*, composta na mesma década. Embora afamado, Edward I falece, e o cronista enumera, de modo quase que testamental, a partilha de terras entre seus filhos (Gray, 2005, p. 32). Para aqueles dois homens, Edward I era parte de um passado próximo, ao qual acederam tão somente através de testemunhos de outrem.

Elencadas tais conjecturas, resta-me pontuar algumas questões sobre a tradução a seguir. No século XIX, Thomas Wright modernizou os textos do códice *BL MS Harley 2253*, trabalho revigorado na década de 2000 pela equipe de acadêmicos da *University of Rochester* e da *Western Michigan University*, concentrados no site da TEAMS¹⁸. Assim, partirei do cotejo entre a cópia digital do manuscrito, disponível em sua íntegra no site da *British Library*¹⁹, a tradução realizada por Thomas Wright e também aquela organizada por Susanna Greer Fein²⁰, oferecendo um maior rigor para o presente intento. Embora exista uma versão em anglo-normando (Aspin, 1953, p. 88-90), bem como fragmentos de uma outra cópia do mesmo texto em *Middle English* (Skeat, 1912, p. 149-152), optei por não cotejá-los a fim de circunscrever o trabalho apenas ao manuscrito em questão. Além disso, vale ressaltar que a cópia do *BL Harley MS 2253* é considerada a mais completa de que se tem conhecimento (De Wilde, 2007, p. 232). Por fim, é crucial dizer que optei por não

¹⁵ Embora Robert Bruce tenha sido coroado em 1306, boa parte da nobreza escocesa reconhecia Edward I como seu soberano, apesar de nunca ter formalmente anexado aqueles territórios e nem se apresentado sob o título de rei dos escoceses.

¹⁶ A visualização e divulgação dos modos de conduta que determinados guerreiros teriam tido entre testemunhas oculares, bem como entre aqueles empenhados no registro escrito, como cronistas e heraldistas, apresentava-se como um dos elementos constituintes dos feitos corajosos, e portanto honoríficos, daqueles homens (Taylor, 2013, p. 145-147).

¹⁷ Através do Tratado de Northampton, assinado em maio de 1328, os ingleses reconheciam o fim das animosidades contra os escoceses iniciadas justamente no reinado de Edward I. Conhecida como *turpis pax*, ou a “paz covarde”, ela foi conduzida pelo governo regencial e não se provou duradoura. Apenas dois anos depois, uma conjuntura que envolvia o descontentamento tanto de nobres ingleses como escoceses em os termos previamente acordados levou a novas animosidades.

¹⁸ Sociedade para o Ensino da Idade Média (*The Consortium for the Teaching of the Middle Ages*).

¹⁹ British Library Digitalised Manuscripts. Harley MS 2253 [s.d.].

²⁰ As versões tanto do manuscrito como de suas respectivas edições podem ser conferidas na seção “Referências”.

manter a métrica original do poema, assim como decidi seguir a pontuação empregada na obra de Fein (2014), com vírgulas, aspas e pontos finais. Ambas as escolhas se deparam com inevitáveis perdas enfrentadas na tentativa de transposição do colossal fosso geográfico, linguístico e temporal que se coloca diante do manejo e tradução da documentação. O objetivo, assim, é de tentar oferecer uma versão do texto que permita, minimamente, ser trabalhada dentro da reconstituição investigativa historiográfica sobre as questões que o cercam em larga escala: o momento de conflitos que atravessa o reino inglês ao início da Guerra dos Cem Anos e a produção de saberes de fundo moralizante sobre a figura do monarca. Trata-se, obviamente, de uma opção arriscada, cujo ônus em termos de falhas e deméritos recai inteiramente sobre mim.

Tradução do texto

Todos aqueles de coração verdadeiro/
Por um momento ouçam atentamente a minha canção/
Sobre o luto que a morte nos impôs/
Que me faz lamentar e entristece-me mais do que todas as coisas/
Sobre um cavaleiro que foi tão firme/
Através do qual Deus agiu de acordo com Seus desígnios/
Parece-me que a morte foi injusta conosco/
Ao fazê-lo zazer tão cedo.

Toda a Inglaterra deve saber/
Sobre quem é esta canção que entoo/
Sobre o rei Edward que está morto/
Por todo o mundo seu nome elevou-se/
O mais verdadeiro homem de todas as formas/
Na guerra prudente e sábio/
Por ele devemos confranger nossas mãos,
Pois da Cristandade foi aquele que se portou com mais distinção.

Antes de nosso rei falecer/
Falou como um homem diligente/
“Clérigos, cavaleiros, barões”²¹, ele disse/
“Eu vos incumbo pelo juramento que me prestaram/
Para que sejam verdadeiros para com a Inglaterra/
Morrerei! Não posso mais viver!/
Auxiliem meu filho e coroem-no dentro em pouco/
Pois ele é o próximo na linha sucessória a ser escolhido.

Honestamente lego meu coração/
E que se registre por escrito sob minhas ordens/

De que se façam preparativos para que ele seja enviado para além do mar/
Com quatro vintenas de cavaleiros de grande reputação/
Que na guerra são prudentes e sábios/
Para lutarem contra os infiéis/
E para retomarem a cruz que se encontra prostrada/
Pois, se pudesse, eu mesmo me incumbiria (de levar a cabo este desejo)”

Rei da França, tu pecaste/
E deverias ter buscado aconselhar-te/
Ao retardar o desejo do Rei Edward/
De dirigir-se à Terra Santa/
Que nosso rei tivesse avocado toda a Inglaterra para governar e ensinar/
Para ir em direção à Terra Santa/
E obter-nos a graça divina.

O mensageiro foi enviado ao Papa/
E disse-lhe que nosso rei estava morto/
Em suas mãos tomou a carta/
Seguramente, seu coração estava cheio de pesar/
O próprio Papa leu-a/
E proferiu boas palavras cheias de honra/
“Meu Deus”, ele disse, “Edward está morto?/
Ele portou-se como o que há de mais nobre na Cristandade”

O Papa então foi para seus aposentos/
Pois em razão da tristeza que sentia não conseguia mais falar/
E ordenou que chamassem os cardeais/
Que muito sabiam da doutrina de Cristo/
Não apenas os menores como também os maiores/
E ordenou-lhes para que lessem e cantassem/
E um grande pesar podia ser visto/
Onde muitos homens confrangiam suas mãos.

O Papa de Poitiers²² postou-se com muita solenidade/
Durante a realização de sua missa/
Onde a alma foi abençoada/
“Rei Edward, honorável sejas/
E que Deus garanta que seu filho te suceda/
Para concluir o que começaste/
De bom grado terias conquistado a cruz sagrada feita de madeira!”

Jerusalém, perdeste a flor de toda a cavalaria/
Pois agora o rei Edward não mais está entre nós
Meu Deus! Caso não tivesse morrido,/

²¹ Tais aspas são dadas pelo editor moderno, e resolvemos mantê-las para melhor clareza textual.

²² Clement V manteve um papel ativo nas guerras anglo-escocesas, destacando-se por suas decisões normalmente em apoio a Edward I (Menache, 1998, p. 272).

Teria erigido nas alturas/
Nossos estandartes, que foram atirados ao chão/
Por muito tempo iremos bradar e lamentar/
Antes de novamente encontrarmos um rei à sua altura.

Agora Edward of Caernarvon é o soberano da Inglaterra/
Que Deus não permita que ele seja inferior a seu pai/
Nem desprovido de vigor/
Para conduzir os comuns justamente/
E apreender bons conselhos/
Para guiar e conduzir toda a Inglaterra/
E que tenha a seu lado bons cavaleiros que não lhe faltem

Fosse minha língua feita de aço/
E meu coração feito de latão/
Nunca poderia descrever a bondade/
Que acompanhou o rei Edward/
Rei, como és chamado conquistador/
Em cada batalha tu foste premiado/
Que Deus leve tua alma para a honra/
Que sempre foi e sempre será/
Que perdurará sem fim/
Rezemos a Deus e a Nossa Senhora/
Para que Jesus propague tal bem-aventurança!
Amém.

Referências

- ABERTH, J. 2013. *From the brink of the apocalypse: confronting famine, war, plague, and death in the later Middle Ages*. London, Routledge, 352 p.
- ASPIN, I.S.T. (ed.). 1953. *Anglo-Norman political songs*. Oxford, Basil Blackwell, 180 p.
- BAKER, G. 2012. *The chronicle of Geoffrey Le Baker of Swinbrook*. Woodbridge, Boydell Press, 155 p.
- BARAZ, D. 2003. *Medieval cruelty: changing perceptions, late antiquity to the early modern period*. Ithaca, Cornell University Press, 221 p.
- BARBOUR, J. 1907. *The Bruce: being the metrical history of Robert the Bruce, King of Scots*. Compiled A.D. 1375, by Master John Barbour; translated by George Eyre-Todd. London, Gowans & Gray, 368 p.
- BARROW, G.W.S. 1965. *Robert Bruce and the community of the realm of Scotland*. Berkeley, University of California Press, 502 p.
- BEL, J. 2011. *The true chronicles of Jean Le Bel: 1290-1360*. Woodbridge, Boydell Press, 271 p.
- BIRKHOLZ, D. 2009. Harley lyrics and Hereford clerics: the implications of mobility, c. 1300-1351. *Studies in the Age of Chaucer*, 31:175-230.
- BRANDT, W.J. 1966. *The shape of medieval history: studies in modes of perception*. New Haven, Yale University Press, 177 p.
- BRITISH LIBRARY DIGITALISED MANUSCRIPTS. HARLEY MS 2253. Disponível em: http://www.bl.uk/manuscripts/Full-Display.aspx?ref=Harley_MS_2253. Acesso em: 25/03/2017.
- CHILDS, W.R. (ed.). 2005. *Vita Edwardi secundi: the life of Edward the Second*. Oxford, Oxford University Press, 270 p.
- CUSHWAY, G. 2011. *Edward III and the war at sea: the English navy, 1327-1377*. Woodbridge, Suffolk, Boydell Press, 265 p.
- DE WILDE, G. 2007. The stanza form of the Middle English Lament for the death of Edward I: a reconstruction. *Anglia*, 123(2):230-245.
- FEIN, S.G. (ed.). 2014. *The complete Harley 2253 Manuscript, volume 2*. Edited by Susanna Greer Fein. Kalamazoo, Medieval Institute Publications. Disponível em: <http://d.lib.rochester.edu/teams/publication/fein-harley2253-volume-2>. Acesso em: 25/03/2017.
- FEIN, S.G. 2000. Introduction. In: S.G. FEIN (ed.), *Studies in the Harley Manuscript: the scribes, contents, and social contexts of British Library MS Harley 2253*. Kalamazoo, Western Michigan University, p. 1-15. <https://doi.org/10.5949/liverpool/9780853239659.003.0001>
- KEEN, M. 1984. *Chivalry*. New Haven, Yale University Press, 303 p.
- FROISSART, J. 1839. *Chronicles of England, France, Spain, and the adjoining countries: from the latter part of the reign of Edward II to the coronation of Henry IV*. London, W. Smith, 768 p.
- GRAY, T. 2005. *The Scalacronica: 1272-1363*. Durham, Surtees Society 288 p.
- LE GOFF, J. 2010. *São Luís*. Rio de Janeiro, Record, 882 p.
- MENACHE, S. 1998. *Clement V*. New York, Cambridge University Press, 368 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511582806>
- MOORMAN, J.R.H. 1952. Edward I at Lanercost priory 1306-1307. *English Historical Review*, lxxvii:161-174. <https://doi.org/10.1093/ehr/LXVII.CCLXIII.161>
- PRESTWICH, M. 1988. *Edward I*. Berkeley, University of California Press, 618 p.
- PRESTWICH, M. 2005. *Plantagenet England: 1225-1360*. New York, Oxford University Press, 638 p.
- REVARD, C. 1982. Gilote et Johane: an interlude in B.L. MS. Harley 2253. *Studies in Philology*, 79(2):122-146.
- SANTOS, F.P. 2015. *Tempus Werrae: entre o fazer bélico e a escrita da história em tempos de conflito no reino inglês (século XIV)*. Franca, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, 184 p.
- SCOTT, W. 1845. *The history of Scotland*. London, Longman, Brown, Green & Longman's, 448 p.
- SKEAT, W.W. 1912. Elegy on the death of King Edward I: From a new ms. *The Modern Language Review*, 7(2):149-152. <https://doi.org/10.2307/3713027>
- SUMPTION, J. 1999. *The hundred years war: trial by battle*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 672 p.
- TAYLOR, C.D. 2013. *Chivalry and the ideals of knighthood in France during the Hundred Years War*. Cambridge, Cambridge University Press, 345 p. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107325111>
- THE CHRONICLE OF LANERCOST: 1272-1346. 1913. Glasgow, James Maclehose and Sons, 410 p.
- WRIGHT, T. (ed.). 1868. *The chronicle of Pierre de Langtoft: in French verse, from the earliest period to the death of King Edward I*. London, Longmans, Green, Reader, and Dyer, 488 p.
- WRIGHT, T. (ed.). 1838. *The political songs of England: from the reign of John to that of Edward II*. London, Camden Society, p. 246-250.

Submetido: 12/05/2017

Aceito: 25/11/2017